

**O TEMA DA LOUCURA  
EM MACHADO DE ASSIS  
E GUIMARÃES ROSA**

OKAMOTO , Monica<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras, pela Universidade de São Paulo, Professora Assistente do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP - Campus de Assis.

**RESUMO:** Este artigo discute a temática da loucura por meio da análise dos contos "O alienista", de Machado de Assis, e "A terceira margem do rio", de Guimarães Rosa; privilegiando a abordagem que neles encontramos dos discursos político e social da época. Esclarecemos que a história faz parte das obras de Machado e Rosa não como instrumento de protesto social, mas como um vínculo indissociável entre literatura e sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** loucura, conto, história, positivismo, Machado de Assis, Guimarães Rosa.

**ABSTRACT:** This article discusses the theme of madness, by analyzing the short stories "O alienista", by Machado de Assis, and "A terceira margem do rio", by Guimarães Rosa; privileged the approach that we found inside them of the political and social speeches of the epoch. We clarify that the history takes part of Machado and Rosa's works not as social protest tool, but as an inseparable tie between literature and society.

**KEYWORDS:** madness, short story, history, positivism, Machado de Assis, Guimarães Rosa.

## INTRODUÇÃO

O ano de 1908 foi, sem dúvida, uma data especial para o Brasil. Uma coincidência entre a vida e a morte uniu dois grandes ícones da nossa literatura: Guimarães Rosa e Machado de Assis. Ambos possuíam a mais alta consciência literária e lingüística e souberam extrair a matéria-prima do período e do espaço físico em que viveram – seja da vida urbana carioca no Segundo Reinado, seja do sertão mineiro no período do ciclo da pecuária. Por outro lado, cada um apresentou sua visão de mundo partindo de prismas bem específicos. Nas palavras de Barreto Filho (1952, p.125), Machado foge do puro pitoresco ao invocar modelos universais: Shakespeare, Bíblia, os adágios populares. Já em Guimarães, o sertão é o mundo. O retorno ao rústico, à origem, ao homem primitivo e ignorante dos processos "civilizatórios" da sociedade moderna é que dá ao ser humano o sentimento de pertencer ao universo cósmico.

A história nos mostra que tanto Machado quanto Guimarães viveram tempos loucos, em que o homem, ao perseguir o progresso, cometeu barbáries e banalizou a morte. A ciência e a tecnologia, muitas vezes, foram usadas como fer-

ramentas de exclusão social dos fracos, dos inadaptados, dos pobres, dos excêntricos, dos verdadeiros, dos não-brancos. O discurso positivista criou um estado de angústia no homem que passou a rejeitar o mundo preestabelecido pelas convenções sociais; e ao se sentir desajustado, afastou-se da realidade objetiva por conta de uma insatisfação com o mundo em que vivia e os problemas que faziam parte dele. Essa tomada de consciência instaurou a dúvida: o que é loucura e o que é normalidade? O que se diz através da loucura? Loucura seria sinônimo de ausência de lucidez ou um distúrbio emocional cujo resultado é um desvio de caráter e de comportamento em relação às normas sociais? É a partir desse ponto que pretendemos analisar os contos “O alienista” e “A terceira margem do rio”, de Machado e Guimarães, respectivamente, para discutirmos como cada autor trabalhou com o tema que há muito tempo médicos e filósofos se debruçam: a loucura. O presente estudo também procura verificar os vínculos existentes entre os contos e o contexto histórico, ou seja, quais foram as condições sociais, políticas e literárias que impulsionaram os autores a produzirem obras voltadas ao discurso alienista.

## I. MACHADO DE ASSIS E O DISCURSO ALIENISTA

Machado de Assis, em uma fase mais madura, publica o seu mais extenso conto, “O alienista”, em 1882. O texto dá destaque à figura do Doutor Simão Bacamarte, cientista de renome, que resolve desenvolver uma pesquisa pioneira no Brasil monárquico: a patologia cerebral. A tão nobre intenção do médico, todavia, esconde sua vaidade intelectual, sua mania de grandeza e a sua busca pela glória e fama. Obcecado em estabelecer os limites entre a normalidade e a loucura, Bacamarte prioriza seu projeto científico, em detrimento de sua vida pessoal. Resolve pedir ao governo a construção de uma casa de orates, a Casa Verde, em Itaguaí, pequena cidade do interior do Rio de Janeiro. Inicialmente respeitado pela população local, Simão vive dias de glória e muita riqueza. A Casa Verde era o seu laboratório particular e os loucos, ali

encarcerados, material para sua tese. Até que um dia, o médico começa a internar cidadãos considerados normais pela sociedade itaguaiense. Num determinado momento, quase toda população encontrava-se internada na Casa Verde. O pavor se instaura nos moradores da pacata cidade que resolvem organizar uma rebelião, a qual é sufocada. A cada momento, Simão via-se obrigado a mudar sua tese sobre a fronteira entre a loucura e a sanidade, até um ponto em que conclui que a loucura está no equilíbrio, e que ele era o único sujeito sem problemas mentais. Após o autodiagnóstico, Simão Bacamarte interna-se na Casa Verde, onde termina seus dias.

No conto é explícita a crítica ao cientificismo exagerado que levava o médico a uma situação patética, como no caso dos critérios científicos adotados por ele na escolha de sua esposa. Machado escancara a falta de bom-senso de Bacamarte que prega a crença na ciência como verdade absoluta:

Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digerira com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. (ASSIS, 1989, p.17).

A “verdade científica” acima é logo desmentida no parágrafo seguinte, quando a teoria do médico cai por terra acabando com a ilusão e a dinastia dos Bacamarte. Assim, até o final do conto, cada nova teoria científica apresentada por Simão Bacamarte, como sendo única e definitiva, é alterada logo em seguida, o que atesta a relatividade da ciência.

Machado inicia o conto num tom de “estória”, de contador de casos, e atribui o relato aos cronistas do Brasil oitocentista. A própria forma de narração escolhida reflete a intenção do autor de se “isentar” dos julgamentos e da parcialidade dos fatos; duas atitudes condenadas pelo objetivismo científico predominante na época: “As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico.” (ASSIS, 1989, p. 17).

No conto, o louco, que tinha no passado um estatuto mais humanizado (vivia em convívio com a família ou solto pelas ruas) passa a representar uma ameaça social; como se pode notar nessa passagem, na qual Simão Bacamarte justifica a necessidade da construção de um sanatório em Itaguaí para que os loucos pudessem ser “curados” e que o mau costume fosse corrigido:

A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é argüida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume [...]. (ASSIS, 1989, p. 18).

Para compreendermos melhor a citação acima, levantamos alguns fatos históricos que foram relevantes para a formação do discurso alienista no Brasil. Em fins do século XIX, o governo pregava a exclusão social dos loucos, no entanto, a concepção de alienado era a de um bando de vagabundos, desordeiros e vadios que, após o fim da escravidão, não encontravam um lugar dentro das novas regras sociais de trabalho e hierarquia. Eram frequentes os casos de indivíduos encarcerados sem uma real comprovação de seu desequilíbrio mental, o que ressaltava ainda mais a marginalização de uma camada da população brasileira. A chamada Medicina Social, já a partir da primeira metade do século XIX, passou a ganhar cada vez mais destaque e autoridade, a ponto de interferir nas questões políticas e sociais de nossa nação. Os médicos psiquiatras, munidos de teorias científicas ditas “incontestáveis”, defendiam a idéia de hospitalização dos alienados em instituições específicas, em locais em que pudessem ficar longe, sem causar ameaça à sociedade de “conduta sadia”. Na verdade, muitos destes discursos eram usados pelo governo para se livrar dos elementos indesejados, “inadaptados” ou marginalizados. Além disso, numa tentativa de acompanhar as modernidades européias, o Império decide construir o primeiro sanatório brasileiro em 1852, o Hospício de Pedro II. Foi também inaugurada, em 1881, a cadeia de clínica psiquiá-

trica e moléstias mentais nas Faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e na Bahia (COSTA, 1989). Loucura e política, portanto, foram sendo fundidas na medida em que os pró-republicanos, fundamentados em bases científicas que começavam a despontar, acreditavam que o Estado deveria assumir a assistência aos loucos. Outro ponto de conexão foi a questão do convívio social com o louco que, durante o Segundo Reinado, vivia com seus familiares ou vagava livre pelas ruas. Porém, com o surgimento das novas teorias científicas e positivistas, a loucura tomou novas dimensões e o louco passou a representar uma ameaça à população (ENGEL, 2001).

Podemos, então, dizer que Simão Bacamarte representa o típico cientista brasileiro do século XIX, acima descrito, que procura no ideal da neutralidade as respostas empíricas ao comportamento humano. Estruturado nas teorias positivistas, Bacamarte não conseguia se dar conta de que o homem não está atrelado apenas às leis da física e da química, mas às normas de conduta estabelecidas pela própria sociedade e ao subjetivismo do pensamento humano.

Assim, atrás de respostas claras, objetivas e positivistas, como exigia o rigor científico predominante na época, Bacamarte estendeu cada vez mais o território dos loucos. Foram incluídos os excêntricos, os vaidosos, os apaixonados, os altruístas, entre muitos outros, na tentativa de se chegar a uma verdade única. No entanto, Machado aponta a relatividade da ciência, quando o médico reformula inúmeras vezes a sua tese científica sobre a loucura. A arrogância e o egocentrismo de certos cientistas em quererem se equiparar a Deus em suas verdades absolutas são motivos de deboche por parte do autor:

<sup>3</sup>/<sub>4</sub> Suponho o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia... <sup>3</sup>/<sub>4</sub> Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca? (ASSIS, 1989, p. 29).

Antes de prosseguirmos com a análise da temática da loucura no conto de Machado é importante ressaltar que o autor não teve como principal intenção fazer uma crítica social a respeito; seu intuito foi de ironizar a atitude de alguns escritores da época que estavam transformando a obra literária em científica. O problema social da loucura no século XIX era um fato, o qual Machado trabalhou reiteradas vezes em suas obras. Entretanto, na concepção do autor, uma obra literária não é um “compêndio de filosofia, nem de propaganda”, é antes de tudo meramente um livro de literatura. Portanto, o seu foco precisa estar centralizado na estética, o que não significa que o espírito da época não esteja presente, ele apenas não é o objetivo primordial.

O positivismo e o cientificismo, que pregavam a verdade absoluta, foram os porta-bandeiras dos republicanos que inflamaram os discursos políticos e literários no período de transição do Brasil. Foi nesse contexto histórico que Machado de Assis, com a sua reflexão e sensibilidade, notou o exagero da presença de teorias científica e política nas obras literárias, a ponto de inverter os seus papéis, ou seja, transformar a estética em pano de fundo dos debates científicos e políticos. Como foi dito anteriormente, as questões sociais não são o foco em seu conto, pelo contrário, o autor, que defende a arte pela arte, faz uma crítica literária à presença do cientificismo na base da literatura. Em outras palavras, ele é contra qualquer fenômeno artístico que coloque, como princípio, o ideal político em detrimento da estética. Para o autor de *Dom Casmurro*:

Não falta quem conjugue o ideal poético e o ideal político, e faça de ambos um só intuito, a saber, a nova musa terá de cantar o Estado republicano. Não é isto, porém, uma definição, nem implica um corpo de doutrina literária. De teorias ou preocupações filosóficas haverá algum vestígio, mas nada bem claramente exposto [...]. (ASSIS, 1938, p. 191).

Portanto, Machado teme que a literatura se torne científica e, conseqüentemente, didática, perdendo, assim, sua função primordial: a artística. O autor esclarece ainda que

sua doutrina literária não exclui o espírito da época, porém este não deve aparecer à frente hasteando uma bandeira em defesa de algum ideal que não seja o artístico. Daí também a crítica de Machado aos princípios da Escola Realista que em suas palavras é: “[...] a mais frágil de todas, porque é a negação mesma do princípio da arte.” (ASSIS, 1938, p. 196).

*O Alienista* é um conto que faz da temática da loucura, sob o prisma científico nos fins do século XIX, uma crítica literária ao antiestético e, por extensão, aos escritores que fizeram da literatura uma espécie de porta-voz de seus pensamentos políticos e ideológicos. Quanto ao tema da loucura dentro do texto, Machado não deixa de refletir os pensamentos da época e suas implicações a respeito do referido assunto, porém sua intenção está longe de tornar a obra um conto científico ou didático. Enfim, para Machado, qualquer tema pode inspirar os escritores com “páginas deliciosas de sentimento e originalidade”; pois a alma da obra literária está na construção moral de suas personagens; e não nos acontecimentos, como demonstrou ao criar tipos humanos como o boticário Crispim, o padre Veiga, a D. Evarista, entre outros.

Colocando à parte os preceitos literários machadianos, o conto nos fornece um vasto material sobre o contexto social da loucura no Segundo Reinado: os preconceitos, os medos, o amorismo, a falta de definição e o anúncio de novos tempos. O próprio conceito de loucura sofre mudanças para se adaptar à nova realidade social e ao sistema de valores do Brasil em fins do século XIX.

## 2. LOUCURA E RETORNO AO PRIMITIVO

“A terceira margem do rio”, da obra *Primeiras estórias*, publicado em 1962, de Guimarães Rosa, causa um estranhamento ao leitor que se leva a questionar: onde fica a terceira margem do rio? Sem dúvida, a temática do livro é a loucura, porém o autor faz uma ressalva quanto a este ponto. Para ele, apesar de algumas pessoas destoarem das normas



de boa conduta institucionalizadas pela sociedade, não é apropriado chamá-las de loucas: “Ninguém é doido. Ou, então, todos.” (ROSA, 1968, p. 36).

O conto narra a história de um homem, aparentemente normal  $\frac{3}{4}$  “cumpridor, ordeiro e positivo”  $\frac{3}{4}$ , que manda construir uma canoa e, certo dia, quando a embarcação fica pronta, ele se despede de sua família e, sem qualquer explicação, passa a morar no rio, dentro de sua canoa. No início, a família, composta pelo filho (narrador-personagem), mãe, irmã e irmão, envergonhada diante da sociedade com a “doideira” do patriarca tenta de tudo: chama o tio, o padre, entre outros, para convencer o pai a voltar para casa, mas nada adianta. O tempo passa e todos são obrigados a conviver com a nova realidade. Mesmo seguindo o curso normal da vida, a lembrança do pai estava sempre nos momentos importantes de cada membro da casa: “Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva [...].” (ROSA, 1968, p. 35).

Até que todos resolvem se mudar da cidade, menos o filho (o narrador-personagem) que, angustiado, resolve se oferecer para ficar no lugar do pai dentro da canoa. O pai se manifesta positivamente à idéia, mas o filho recua na decisão e foge. Depois disso, o pai desaparece definitivamente, e deixa o filho em meio à sua eterna culpa.

Guimarães Rosa viveu o período de guerra e suas obras, apesar do aparente distanciamento dos acontecimentos mundiais, possuem uma grande ligação com o momento histórico, no qual o autor presenciou os atos mais insanos dos seres humanos: a matança desordenada e sem sentido, a desolação, o absurdo. O homem pós-guerra precisa reencontrar o verdadeiro caminho, o seu eixo, a sua origem, o primitivo (COELHO, 1975). Ele quer respostas claras para os atos dos indivíduos. No entanto, há respostas sensatas e de bom juízo aos horrores cometidos na guerra? Se não há, por que o homem aceita melhor este universo cheio de absurdos e questiona

pequenos atos misteriosos e inofensivos como de um pai de família que resolve viver no meio do rio?

A figura do pai, dentro do conto, representa o homem que resolve se integrar à natureza bruta, pura e simples. Esse ato de quebra da consciência coletiva, das condutas sociais, por parte do pai, causa diversas reações dentro da sociedade: estranheza, negação e vergonha. A sociedade não aceita esta quebra, este comportamento inusitado, e precisa buscar uma explicação que esteja dentro das normas sancionadas:

Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. (ROSA, 1968, p. 33).

[...] nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado. (ROSA, 1967, p. 36).

O herói rosiano é aquele que não conseguiu se adaptar totalmente à vida. A angústia é permanente. Por causa da angústia, muitos se casam, têm filhos e vivem em sociedade; porque sozinhos, sentem-se incompletos. Porém, outros, como o pai, procuram nos mistérios da alma o seu eixo, as suas bases, no intuito de restabelecer sua ligação com o universo. O equilíbrio está nesta integração cósmica com a natureza, a simplicidade, o rústico e o natural, qual o homem moderno perdeu.

E há ainda aqueles indivíduos que não conseguem definir o seu lugar e vivem à margem da sociedade; que se encontram estagnados, em lugar nenhum, na “terceira margem do rio”. O filho é a personagem em constante angústia e sentimento de culpa. Ela acaba se estagnando. Não se casou, não teve filhos, ao contrário dos outros membros de sua família que viviam dentro das normas, cumpriram um papel social definido e seguiram o ciclo da vida:

Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Permaneci com as bagagens da vida. (ROSA, 1968, p. 35-36).

Vale comentar que os recursos estilísticos utilizados por Rosa são inúmeros, e graças a eles o leitor é capaz de entrar no clima poético e quase cósmico do universo dos contos rosianos. Um bom exemplo disto é a antropomorfização do rio realizada por Rosa que mostra o início da fusão Homem e Natureza e a complexidade do pensamento humano. O pai mostra a mesma virilidade e mistério do rio, ambos são como complemento um do outro: “O rio por aí se estendendo **grande, fundo, calado** que sempre. **Largo**<sup>2</sup>, de não se poder ver a forma da outra beira.” (ROSA, 1968, p. 32).

A repetição também faz parte dos recursos expressivos de Guimarães Rosa, como no trecho abaixo, no qual a repetição dá a sonoridade de um rio que flui sem cessar, tal como o tempo. As palavras “sempre” e “perpétuo” reforçam o sentido de infinito: “Se o meu pai, **sempre** fazendo ausência: e o **rio-rio, o rio-pondo perpétuo.**” (ROSA, 1968, p. 36).

As últimas palavras da mãe ao pai revelam o posicionamento claro da mulher que, mesmo sendo abandonada pelo marido, seguirá o curso da vida. A frase gradativa reforça esta idéia: “**Cê** vai, **ocê** fique, **ocê** nunca volte!” (ROSA, 1968, p. 32).

O pai é incorporado à natureza, não atua mais sobre ela, e passa a fazer parte da paisagem. O filho não se dá conta que internamente ele também, tal qual o pai, não conseguia se integrar às normas sociais, e esta falta de coesão social estava sendo julgada pela sociedade:

O homem disposto a viver de acordo com a sua própria conduta é punido pela força coercitiva social. Não aceitar as regras implica na não integração do indivíduo à sociedade, ou seja, na exclusão ou deboche: “Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira.” (ROSA, 1968, p. 33).

O pai sai de casa, mas não no sentido de abandono da família. Sua presença é ausência de contato físico e afetivo. Ele apenas está lá, como uma paisagem, o que torna tudo mais

---

2 Os grifos, em todas as citações, são nossos.

incompreensível à sociedade: “Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse.” (ROSA, 1968, p. 35).

Como vimos, o rio conota o lado escuro da alma humana, o desconhecido. A angústia de não compreender racionalmente a atitude do pai, leva o filho também a buscar o isolamento, na esperança de encontrar a paz e libertar-se da tristeza, dos desejos mundanos, até não sentir mais nada e se tornar “rio”: “Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, **eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro-o rio.**” (ROSA, 1968, p. 37).

Nessa última frase, Rosa torna evidente a completa fusão que ocorre entre Homem/Natureza. Rio e Homem tornam-se um só ao transcenderem o real e se mesclarem ao metafísico. A existência humana não pode mais ser questionada nas bases do pensamento científico do século XIX, o qual desestruturou o homem e rompeu sua ligação com o universo. Guimarães Rosa faz uma re-ligação do homem com o seu pensamento lúdico e os mistérios da alma humana.

## CONCLUSÃO

As concepções acerca da loucura foram determinadas pelos padrões de pensamento e comportamento predominantes em cada época, os quais eram estipulados pela própria sociedade. No final do século XIX, o discurso alienista no Brasil estava atrelado ao problema social criado com o fim da escravidão e ao sentimento de modernização da nação. O objetivo político era mostrar uma cidade “limpa”, “sã” e “civilizada” com o intuito de reverter a imagem de nação degenerada pela mestiçagem (MACHADO, 1978). Esse clima de construção de uma nova ordem social encontrou na teoria positivista subsídios para o seu fortalecimento. O novo pensamento brasileiro foi, ainda, reforçado pelas obras literárias naturalistas

que pregavam, entre outras coisas, a explicação racional e científica como sendo a única aceitável.

O pensamento científico pregou a quebra da consciência coletiva, dando destaque ao individualismo. Em “O alienista”, Machado ressalta o perigo desta visão fragmentada. Simão Bacamarte não considera a existência e a influência da sociedade no comportamento humano; entretanto sabemos que não há como definir o papel social de um indivíduo sem o outro. É o outro quem dá identidade ao homem. O boticário Crispim, por exemplo, é definido como bajulador e oportunista graças à sua relação com Bacamarte, sem esta referência não poderíamos identificar o seu caráter. Já D. Evarista torna-se uma mulher vaidosa e fútil por conta da postura da população de Itaguaí que lhe dá tratamento de “primeira-dama”. Portanto, as personagens de Machado são o contraponto da teoria positivista que acredita na auto-suficiência e na individualidade de cada ser humano. Contudo, toda essa racionalidade acabou isolando o indivíduo até a sua estagnação e banalização. O povo de Itaguaí é o exemplo da criação dessa massa submissa e seguidora de pensamentos e teorias prontas, de fácil manipulação e que necessita estar subordinado a uma força maior que o mantém neste estado de alienação constante. Esse pensamento científico que passa um rolo compressor sobre as diferenças não ajuda o homem a evoluir, mas a se banalizar e se estagnar. É interessante notar que o nome Simão (macaco) Bacamarte (arma de fogo) leva à conotação de um líder austero que conduz a “massa amorfa” a reproduzir e imitar o seu modelo de comportamento social.

Em “A terceira margem do rio”, Guimarães Rosa lança um novo olhar sobre a loucura. O olhar racional e externo do médico se mescla ao olhar subjetivo e interno do escritor que acredita que diante das atitudes mais inusitadas do homem, há sempre um sentido de mistério e de enigma da lei natural de um universo paralelo, onde não há respostas lógicas ou racionais, há apenas um mergulho vertical nas profundezas do ser. Em sua narrativa não encontramos mais o homem seguro, cheio de verdades e certezas da civilização burguesa;

pelo contrário, nos deparamos com o homem misterioso e repleto de dúvidas em um período de delicada transição.

Enfim, concluímos que tanto Rosa quanto Machado perceberam que a sociedade é um órgão complexo e orgânico e por isso precisa de espaço para o surgimento de diferentes caminhos de pensamento e ação. Num universo repleto de contradições e absurdo, não há brechas para verdades absolutas.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre: W.M. Jackson Inc. Editores, 1938.

\_\_\_\_\_. O alienista. In: \_\_\_\_\_. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1989, p. 17-66.

COELHO, Nelly Novaes e VERSIANI, Ivana. *Guimarães Rosa*. (Dois estudos). São Paulo: Edições Quíron/ Brasília: INL, 1975.

COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Xenon Ed., 1989.

ENGEL, Magali Gouveia *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios*. (Rio de Janeiro: 1830-1930). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

FILHO, Barreto. Machado de Assis. In: HOLLANDA, Aurélio Buarque. Coordenação, notas e revisão. *O romance brasileiro*. (De 1752 a 1930). Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1952, p. 115-150.

MACHADO, R. et al. *Danação da norma: Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968, p.31-37.